

**PRÁTICA DA APRENDIZAGEM COOPERATIVA: dialogando com a linguagem**

**PRACTICE OF COOPERATIVE LEARNING STRATEGY: dialogue with language**

**PRÁCTICA DE APRENDIZAJE COOPERATIVO: diálogo con el lenguaje**

 Adriana Randi Silva<sup>1</sup>

 Ester Myriam Rojas Osório<sup>2</sup>

1. Pedagoga, pós-graduada. Faculdade de Educação Jean Piaget. E-mail: drirandi@hotmail.com.
2. Prof. Dra. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de Letras Modernas. E-mail: esterrojas21@gmail.com.

**RESUMO:** Como professora da Educação Básica, tenho o objetivo geral de manter-me atualizada no desenvolvimento de novas perspectivas e percepções de uma metodologia de ensino que possa atender às diferentes necessidades dos estudantes, participando e partilhando maiores responsabilidades em relação à aprendizagem deles. Dessa forma, a minha intenção didática é que os meus estudantes desenvolvam suas habilidades e competências fazendo uso do diálogo e da interação entre eles, a fim de se posicionarem criticamente nas resoluções de situações-problemas propostas, para que possamos atingir os objetivos propostos. As células cooperativas nos permitem trabalhar em pequenos grupos, onde os estudantes têm a oportunidade de se ajudarem mutuamente, favorecendo o diálogo e a discussão sobre os temas abordados, sempre mediados pelo professor. Os resultados obtidos por alguns estudantes são: colocar-se no lugar do outro; refletir e discutir sobre o que está sendo trabalhado; adquirir responsabilidade pelas tarefas; trocar saberes; desenvolver a autonomia; tornar-se protagonista de suas próprias ações.

**Palavras-chave:** Literatura; Leitura; Pesquisa; Aprendizagem; Diálogo.

Recebido em: 09/04/2022

Aprovado em: 31/08/2022



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

**ABSTRACT:** My didactic intention as a teacher is to keep up to date with the development of new perspectives and perceptions of a teaching methodology that can meet students' different needs, participate and share greater responsibilities regarding their learning. In this way, my didactic intention is for my students to develop their skills and competencies by using dialogue and interaction between them, to critically position themselves in solving the proposed problems situations, so that we can achieve the proposed objectives. Cooperative cells allow working in small groups, where students can help each other, favouring dialogue and discussion on the topics covered, always mediated by the teacher. The results obtained by some students are putting themselves in another place; reflecting and discussing what is being worked on; acquiring responsibility for tasks; exchanging knowledge; developing autonomy; become the protagonist of their own actions.

**Keywords:** Literature; Reading; Research; Learning; Dialogue.

**RESUMEN:** Como docente de Educación Básica, mi objetivo general es mantenerme al día en el desarrollo de nuevas perspectivas y percepciones de una metodología de enseñanza que pueda atender las diferentes necesidades de dos estudiantes, participando y compartiendo mayores responsabilidades en cuanto a su aprendizaje. De esta forma, la mía intención didáctica, mis alumnos desarrollan sus habilidades y competencias haciendo uso del diálogo y la interacción entre ellos, con el fin de posicionarse críticamente en la resolución de las situaciones problema propuestas, de manera que nosotros también podamos alcanzar los objetivos propuestos. Las células cooperativas nos permiten trabajar en pequeños grupos, donde los alumnos tienen la posibilidad de ayudarse mutuamente, favoreciendo el diálogo y la discusión sobre los dos temas tratados, siempre mediado por el docente. Los resultados obtenidos por algunos alumnos son: ponerse en el lugar de otra persona; reflexionar y discutir lo que se está trabajando; adquirir responsabilidad por las tareas; intercambiar conocimientos; desarrollar la autonomía; convertirse en protagonista de sus propias acciones.

**Palabras-clave:** Literatura; Lectura; Búsqueda; Aprendizaje; Diálogo.

## Introdução

O presente estudo tem por objetivo conciliar a prática da aprendizagem cooperativa (nova prática docente para a autora) dialogada e atrelada com os estudos do filósofo da linguagem e crítico literário russo Mikhail Bakhtin, permeado durante todo o processo de ensino e aprendizagem significativo.

Escrevo este artigo com a intenção de dividir com você, leitor, a nova proposta de aprendizagem interacional, valorizando a relação do eu com o outro e a relação das vozes entre si, sujeito da língua, circundando como poder dominante da comunicação na troca de experiências da aprendizagem em sala de aula. Para melhor entendimento e compreensão da aprendizagem cooperativa interagindo com a dialogicidade permanente, eu, como professora pesquisadora e polivalente, tentando entender como trabalhar com células cooperativas dialogadas, onde cada célula (mesa circular) está composta por quatro componentes com ideias e ideais diversificados, e mantendo uma disciplina organizada buscando, como objetivo, o resultado de uma aprendizagem significativa, recorri aos estudos pertencentes ao mundo acadêmico e escolhi, dentre tantas filosofias, a que vem de encontro com a minha prática docente, ou seja, a filosofia aplicada pelo estudioso da teoria linguística, filósofo da linguagem e crítico literário russo Mikhail Bakhtin.

Com a enunciação completa, Bakhtin e o Círculo vêm enriquecer os procedimentos de análise linguística (fonéticos, morfológicos e sintáticos) para dar conta da enunciação completa, seja ela uma palavra, uma frase ou uma sequência de frases. A enunciação, compreendida como uma réplica do diálogo social, é a unidade de base da língua, tratando-se de discurso interior (diálogo consigo mesmo) ou exterior. Ela é de natureza social, portanto ideológica. Ela não existe fora de um contexto social, já que cada locutor tem um “horizonte social” (BAKHTIN, 2006, p. 17).

Assim, é considerado que as crianças se eduquem na coletividade por meio da interação e se constituem: “o homem é constituído na e pela linguagem ao dar compreensões de sentido ao mundo, a si e aos outros homens, por meio de uma relação dialogal entre as significações que se quer trocar, adquirir ou pôr em circulação” (BARONAS *et al.*, 2013, p. 27).

## A história da aprendizagem cooperativa

Não foi em vão que a capacidade para trabalhar cooperativamente foi um dos fatores que mais contribuiu para a sobrevivência da nossa espécie. Ao longo da história humana foram os indivíduos que se organizavam e coordenavam os seus esforços para alcançar uma meta comum que tiveram o maior êxito em praticamente todo o empreendimento humano.

Em vários escritos antigos (Bíblia e o Talmud), têm-se referências à cerca da cooperação entre indivíduos. Na idade Antiga, o filósofo Sócrates ensinava aos seus discípulos em pequenos grupos. Durante a Idade Média os grêmios de artesãos colocavam seus aprendizes para trabalharem juntos em pequenos grupos e assim deviam ensinar suas habilidades aos menos experientes (LOPES; SILVA, 2009, p. 9).

Destaca-se, também, o pedagogo inglês Johann Bernhard Logier (1777-1846). Seu objetivo era educar o maior número possível de crianças em vulnerabilidade social com o menor custo possível. Sua proposta era de que os alunos considerados de rápido aprendizado recebessem informações antes da aula e transmitissem aos colegas, mas tudo sob um comando rígido disciplinar exercido pelo professor (THOMPSON, 1983).

Posteriormente, ao longo de todo o percurso da história, temos relatos de diversas experiências cooperativas. De 1870 a 1900, Francis Parker (1837-1902), superintendente das escolas públicas de Quincy

em Massachussets, foi responsável por potencializar a aprendizagem cooperativa nas escolas e por iniciar um movimento cooperativo com mais de 30.000 professores. Exaltando a liberdade e a democracia, Francis Parker comentava “as crianças são colaboradoras naturais e sua maior diversão, depois da descoberta da verdade, é partilhá-la com os colegas” (LOPES; SILVA, 2009, p. 9).

John Dewey (1859-1952), filósofo e pedagogo dos Estados Unidos, também incorporou nos seus trabalhos de ensino a utilização de grupos cooperativos. Para ele, o professor ao ensinar, além de educar, contribui para uma vida mais justa. Em sua obra *Democracy and Education* (1916), a escola é um espaço de vida e trabalho em que professores e estudantes, em atividades partilhadas, aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

A aprendizagem cooperativa foi experimentada em diversos países, e, com isso, diferentes definições foram atribuídas: os irmãos Johnson (1970) a definiu como uma “atividade instrucional que utiliza pequenos grupos de modo que ao trabalhar em conjunto os alunos maximizem a aprendizagem individual e do grupo” (JOHNSON; JOHNSON, 1999, p. 5); Sharan (1999, p. 336) definiu como uma abordagem em que o ensino-aprendizagem é centrado no aluno e no grupo, e não no professor; e Monereo e Gisbert, na qual definiu na “relação baseada na aquisição e/ou na aplicação de um conhecimento, estabelecida entre um grupo de alunos com habilidades heterogêneas dentro de margens de proximidade”, estabelecendo que haja uma estruturação da interação (MONEREO; GISBERT, 2005, p. 13).

No Brasil, a aprendizagem cooperativa foi representada pela Escola Nova, movimento de Dewey (JOHNSON; JOHNSON, 1999b). Essa proposta foi trazida ao Brasil por um aluno de Dewey, Anísio Teixeira (1900-1971), que concebia a ideia do ensino para todos (FONTERRADA, 2005, p. 210). Esta metodologia esteve presente nos primeiros anos do Governo Vargas, quando Anísio atuou na Diretoria de Instrução Municipal do Rio de Janeiro. O movimento escola novista teve como característica a visão da criança como um ser ativo, que necessita ser libertada de vínculos supressores e autoritários para que possa se manifestar livremente. Esses princípios deram-se no início do século XX, além do movimento de democratização e emancipação das massas. Para que o ensino da criança fosse ativo, foi necessário pensar em novas relações entre os sujeitos, deslocando o ensino centrado no professor para um ensino centrado no aluno (CRAMBI, 1999; TORRES; IRALA, 2007).

### **Aprendizagem cooperativa: dialogando com a linguagem**

A ausência de metodologias participativas e o uso de métodos de ensino tradicionais nas escolas faz com que crianças e adolescentes se ocupem cada vez mais com atividades individualistas e competitivas. Essas metodologias, que tem a competição como principal motor, reforçam a concorrência e o sentimento de baixa eficácia pelos que obtêm menos aproveitamento nos estudos, reforçando a exclusão social, além de não preparar os jovens para os desafios e exigências da sociedade. Dessa forma, pode-se dizer que a escola tem se caracterizado como um ambiente que mais estimula a competição e o individualismo.

Atualmente não se aplica mais práticas de ensino baseadas somente em transmitir teorias, por ser mais difícil de se atingir resultados significativos, os estudantes aprendem pouco e se tornam desinteressados diante de aulas não desafiadoras. No caso dessa aprendizagem meramente receptora, os estudantes são desestimulados a descobrirem suas diversas formas de interagir e aprender.

As metodologias tradicionais cujo foco conteudista é baseado na transmissão de conhecimento assumindo um estudante meramente receptor (FIRMINO *et al.*, 2013; RODRIGUES *et al.*, 2011). Segundo Carl Rogers (apud LOPES; SILVA, 2009), a exposição verbal do conteúdo é o principal meio de aprendizagem, em que estudantes se portam com cadernos e lápis na mão, aguardando as palavras eruditas

do professor. Esse tipo de metodologia tem se mostrado pouco eficaz no que diz respeito tanto a aquisição de conhecimento como para a aquisição de competências interpessoais necessárias para as relações em sociedade, para as relações trabalhistas e escolares.

Nesse contexto, a escola deve dar respostas às diferentes necessidades de seus estudantes, com foco no desenvolvimento de suas capacidades e habilidades, enquadrando-se com a utilização de uma nova metodologia que possibilite aos educandos participarem e partilharem maiores responsabilidades em relação a sua aprendizagem. Para isso, pode-se destacar a abordagem da aprendizagem cooperativa. Nos últimos anos, inúmeras pesquisas em aprendizagem cooperativa realizadas em universidades dos Estados Unidos e Europa vêm demonstrando resultados significativos no aumento do rendimento escolar e na aquisição de habilidades sociais (LOPES; SILVA, 2009, p. 9).

A aprendizagem cooperativa é definida como um conjunto de técnicas de ensino em que os estudantes trabalham em pequenos grupos e se ajudam, no encontro com o outro, discutindo a resolução de problemas e facilitando a compreensão do conteúdo. Todas as atividades são estruturadas pelo professor que acompanha, intervêm e estabelece os comportamentos desejados para os estudantes no desenvolvimento da aula. Nesse encontro, destacamos a palavra: o fenômeno ideológico por excelência (BAKHTIN, 2006, p. 26). Ela é necessária à consciência para formar um signo interior, visto que “a palavra funciona como elemento essencial que acompanha toda criação ideológica” (BAKHTIN, 2006, p. 28). Assim, pelas interações, a palavra deixa a consciência interior e passa a circular como signo no convívio exterior em que os educandos estão inseridos (BARONAS *et al.*, 2013, p. 29).

Toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN, 2006, p. 115).

A palavra vive pela interação dialógica em um ambiente coletivo, e, pela aprendizagem cooperativa, define a si mesmos e aos outros pelo movimento dialógico: “o homem é constituído na e pela linguagem ao dar compreensões de sentido ao mundo, a si e aos outros homens, por meio de uma relação dialogal entre as significações que se quer trocar, adquirir ou pôr em circulação” (BARONAS *et al.*, 2013, p. 27). Nessa perspectiva, essa estratégia permite aos estudantes interagirem com os colegas e com o professor, possibilitando, também, o ganho de autonomia e de responsabilidade para tomar decisões no desenvolver das atividades em sala de aula.

Algumas das vantagens dessa metodologia são: estimular e desenvolver habilidades sociais, criar um sistema de apoio social mais forte, encorajar a responsabilidade pelo outro, encorajar os estudantes a se preocupar uns com os outros, desenvolver a liderança, elevar a autoestima e a ansiedade em testes e na sala de aula é reduzida, criar uma relação positiva entre estudantes e professores, estabelecer elevadas expectativas, estimula o pensamento crítico e ajuda os estudantes a clarificar as ideias através do diálogo, desenvolver a competência de comunicação oral, melhora a recordação dos conteúdos, cria um ambiente ativo e investigativo.

## Passos para implementar aprendizagem cooperativa na sala de aula

Na sala de aula em que leciono, a aprendizagem cooperativa constituída por células foi implantada em janeiro de 2019. Foi um grande desafio para nós, pois eu e meus estudantes estávamos diante de um processo de adaptação. Digo adaptação, pois continha, no espaço físico, algo diferenciado e inovador para ajuda mútua – a permanência de mesas circulares com quatro componentes em cada uma, tendo como objetivo proposto a interação do grupo, o uso e o respeito da dialogicidade em momentos pontuais, tentando vencer desafios trabalhando a cooperação mútua.

Como é construída a sala de aula, com um ambiente que possibilite a aprendizagem cooperativa em minha aula? A sala de aula cooperativa constrói-se desde o primeiro dia de aula e depende, em grande parte, da minha capacidade em criar o espaço e a disponibilidade para que todos se conheçam mutuamente e comecem a se interessar uns pelos outros. Os primeiros trabalhos em grupo podem ter precisamente esse objetivo e é fundamental, desde o início: a discussão conjunta das regras da sala de aula.

Os estudantes devem ajudar uns aos outros e serem responsáveis não só pelo seu próprio comportamento, mas também pelo comportamento da célula e pelo produto do seu trabalho, permutando sempre o respeito do diálogo e pensamento do outro. Além de ouvir com atenção ao meu comando, o estudante deve ouvir com atenção também os colegas (escuta atenta) – uma das habilidades a serem desenvolvidas durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Para que o trabalho ocorra harmoniosamente, o estudante tem que aprender a pedir opinião, dar oportunidade aos outros de falar e contribuir de forma breve e sensata para o grupo.

Alguns exemplos de regras básicas que utilizo em sala de aula, em aprendizagem cooperativa, e que estão presentes nos estudos de Batelaan (apud MENDES, 2012), são: todos são responsáveis pelo funcionamento da célula, todos são responsáveis pelo desempenho dos diferentes papéis na célula, ninguém pode considerar o seu trabalho acabado até que todos os estudantes da célula estejam prontos, todos têm o direito de pedir ajuda, todos ajudam, cada estudante deve completar um relatório individual do trabalho de célula. E, vale ressaltar: uma sala de aula “não falante”, em que não há interação social entre os estudantes, não há aprendizagem. É necessário o diálogo, o encontro, as trocas de experiências e saberes para que uma melhor aprendizagem se efetive.

Do ponto de vista da dimensão ético-política da pedagogia freiriana, a prática pedagógica participativa se organiza na compreensão da autonomia, entendida no dinamismo da percepção da humanidade dos seres humanos como fazedores de coisas, transformadores, contempladores, falantes, sociais, produtores de saber, portanto, como prática da liberdade (BRAGA; FAGUNDES, 2017, p. 531).

### Aula expositiva dialogada

Segundo Fiorin (2016), de acordo com o pensamento de Bakhtin,

O dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, é o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado constitui-se a partir de outro enunciado, é uma réplica a outro enunciado. Portanto, nele ouvem-se sempre, ao menos duas vozes. Mesmo que elas não se manifestem no fio do discurso, estão aí presentes. Um enunciado é sempre heterogêneo, pois ele revela duas posições, a sua e aquela em oposição à qual ele se constrói (FIORIN, 2016, p. 40).

Na dialogicidade, na problematização, educador-educando e educando-educador vão ambos desenvolvendo uma postura crítica da qual resulta a percepção de que este conjunto de saber se encontra na interação. A realidade, o contexto, as experiências, a vida desse educando deve ser o ponto de partida para uma aula expositiva dialogada.

Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falantes e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social. Pois é necessário que tanto o falante quanto o ouvinte pertençam a uma mesma coletividade linguística, a uma sociedade organizada de modo específico. É necessário ainda que os nossos dois indivíduos sejam abarcados pela unidade da situação social mais próxima, isto é, que o encontro entre essas duas pessoas ocorra em um terreno determinado. O intercâmbio só é possível nesse terreno determinado, por mais geral e, por assim dizer, ocasional que ele seja. Desse modo, a unidade do meio social e do acontecimento da comunicação social mais próximo são duas condições totalmente necessárias para que o conjunto físico-psicofisiológico apontado por nós possa ter uma relação com a língua, com o discurso, possa tornar-se um fato da língua-discurso (linguagem) (BAKHTIN, 2017, p. 145).

Compreender o eu e o outro em uma relação dialógica, enxergar as relações imbricadas em uma relação ética e, ao mesmo tempo, dialética, configuram-se como princípios fundamentais para uma prática docente progressista. Assim, no encontro com o outro, se interage e significa.

Entendendo o processo de aprendizagem como um processo compartilhado entre os sujeitos aprendentes, o conhecimento e suas relações, a forma de ensinar e a avaliação do processo. Nessa perspectiva, conforme Freire (1984), aprender é muito mais amplo que memorizar, pois significa construir conhecimento, estudar e persistir, utilizar a observação ou experiência, comparar, refletir sobre as dimensões do conhecimento construído embasado em regras disciplinares construídos no coletivo para atingir o objetivo proposto.

Na aprendizagem cooperativa trabalho a ideia de que todos os estudantes juntos são responsáveis pelo resultado, seja ele positivo ou negativo, ou seja, para alcançar um determinado objetivo e ter sucesso nessa empreitada, todos devem fazer seu papel e suas funções, ninguém sairá vencedor sozinho.

Ninguém deverá ter prioridades ou um maior papel para desempenhar. Todos devem trabalhar igualmente e com as mesmas condições, à fim de se poder alcançar um resultado positivo na atividade a ser realizada.

Todos do grupo são tão importantes quanto o outro, as atribuições devem ser realizadas com o máximo de empenho, respeito e dedicação, pois afinal o sucesso do outro depende também de você.

A comunicação e o saber ouvir as possibilidades e/ou hipóteses são fundamentais nesse tipo de abordagem. Todos terão seu momento e suas funções no desenvolvimento das atividades propostas, para isso, precisam se comunicar estabelecendo um diálogo competente de ideias e decisivo na tomada de decisão.

Em suma: “Um por todos e todos por um!”.

### **Exemplificação prática**

Passos que transformam, criam e recriam os princípios defendidos para a incorporação da aula expositiva e dialogada no nosso cotidiano docente. Com o objetivo de esclarecer ou detalhar essa estratégia, desenvolvi alguns passos que transformam, criam e recriam esses princípios defendidos para a incorporação dela em nosso cotidiano docente. Os passos não têm a intenção de determinar a ação docente, mas de nortear

uma prática, a partir dessa estratégia. São os seguintes passos propostos: inspiração, problematização, reflexão, transpiração e síntese (MENDES, 2012) – necessários para a aprendizagem cooperativa.

Inspiração é o primeiro momento da aula em que o educador deve trazer algo que mobilize para aquele conhecimento.

Problematização é o momento em que o educador relaciona o tema/conteúdo à realidade por meio de questões que o problematizem. Nesse momento é necessário buscar dados da realidade, situações completas, reportagens de jornais e revistas, estatísticas, dentre outras que podem problematizar o conhecimento.

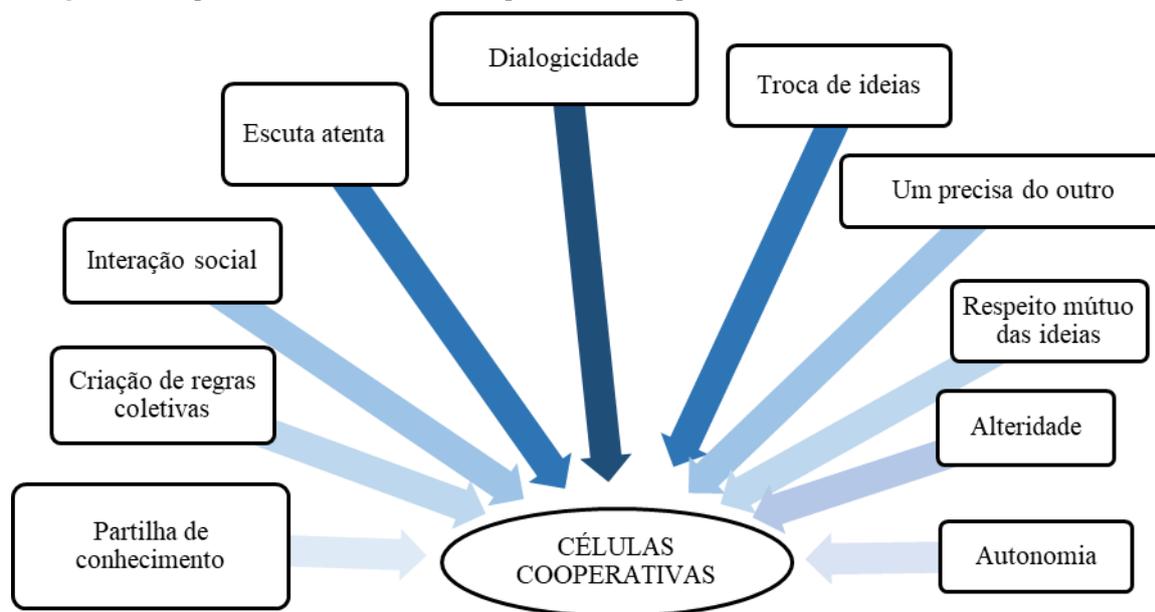
Reflexão é o terceiro passo dessa estratégia e este exige um movimento individual e coletivo para que o educando e o educador possam pensar sobre o assunto.

Transpiração é o quarto passo dessa estratégia, é o momento de estudo propriamente dito sobre o tema/conteúdo/conhecimento. Pode ser individual ou coletivo, depende do assunto e da realidade de cada espaço/tempo. O educador deve propor um roteiro ou fazer coletivamente o planejamento desse estudo.

Síntese é o movimento final dessa estratégia, é a capacidade individual e coletiva de incorporar o aprendido e apreendido para compartilhar, seja de forma escrita e/ou oral. Pode-se utilizar diversas linguagens para se fazer a síntese, pois, para se compartilhar aprendizagens não significa propriamente apresentar oralmente o que aprendeu.

Nessa perspectiva, foi elaborado um mapa conceitual das células cooperativas na sala de aula, entre professor-estudantes, estudantes-estudantes (Figura 1), a fim de ressaltar a aprendizagem nestas interações sociais.

**Figura 1** - Mapa conceitual das células cooperativas, entre professor-estudantes, estudantes-estudantes.



Fonte: Autora.

Os estudantes ajudam uns aos outros e são responsáveis não só pelo seu próprio comportamento, mas também pelo comportamento da célula e pelo produto do seu trabalho, permutando sempre o respeito do diálogo e pensamento do outro, ou seja, eu preciso do meu colega para alcançar o objetivo proposto.

A pesquisa, o diálogo, a troca de experiências e saberes, a interação, as regras e os combinados construídos pelos próprios estudantes e o se colocar no lugar do outro, foram resultados alcançados em minha prática docente. Entre todas essas estratégias mediadas por mim, os resultados satisfatórios de ensino e aprendizagem foram evidenciando de uma maneira prazerosa, onde a prática da aprendizagem cooperativa dialogou com a linguagem em todo o contexto estudado.

### Considerações finais

A aprendizagem cooperativa é uma prática que compreende um processo educacional onde os sujeitos se ajudam mutuamente e, também, confiam um nos outros, em uma metodologia ativa e participante, a fim de definir, coletivamente, um objetivo definido pelo professor – e, nesse processo, também se constituem como indivíduos.

Nesta metodologia de ensino-aprendizagem, quando praticada com os educandos, destaco a avaliação: ela é realizada de forma paralela e contínua. Vale ressaltar que em todo instrumento de avaliação trabalhado com o estudante será realizada a devolutiva para que ele conheça os resultados de sua aprendizagem, isto é, saiba quais foram os seus acertos e erros percebendo as dificuldades encontradas, progredindo assim no processo de ensino e aprendizagem. O erro é visto como norteador para que o professor possa replanejar o conteúdo proposto.

Considera-se que qualquer estratégia de ensino há suas limitações e suas possibilidades, o importante é, quando o educador faz a escolha de uma metodologia, que ele considere os objetivos e as finalidades que irão formar e constituir cada educando.

Enfim, a aprendizagem cooperativa abre um leque para a formação de um cidadão crítico, reflexivo e transformador, por meio da interação, cooperação, partilhar de experiências e aprendizagem para a participação no mundo.

### Referências

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Tradução do francês por Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Hucitec, 2006; 2017.
- BARONAS, Roberto Leiser; ARAUJO, Lígia Mara Boin Menossi; PONSONI, Samuel. **Reflexões acerca da análise dialógica dos discursos verbo-visuais: um caso de humor na política brasileira**. *Bakhtiniana*, v.8, p. 24-41, 2013.
- BRAGA, Maria Margarete Sampaio de Carvalho; FAGUNDES, Maurício Cesar Vitória. Prática pedagógica e didática humanizadora: materialidade de pressupostos de Paulo Freire. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v.15, n.2, p. 524 – 549, 2017.
- CRAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999.
- FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2011.
- FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios: um ensaio sobre a música e educação**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

JOHNSON, David W.; JOHNSON, Roger. T. **Learning together and alone**: cooperative, competitive, and individualistic learning. Massachusetts: Allyn and Bacon, 1999.

LOPES, José de; SILVA, Helena Santos. **Aprendizagem cooperativa na sala de aula**: um guia prático para o professor. 1. ed. Lisboa: Lidel, 2009.

MENDES, Fábio Ribeiro. **A nova sala de aula**. Porto Alegre: Autonomia, 2012.

MONEREO, Carles; GISBERT, David Duran. **Tramas**: procedimentos para a aprendizagem cooperativa. Tradução de Cláudia Schilling. Porto Alegre: Artmed, 2005.

THOMPSON, Kevin. **An analysis of group instrumental teaching**: *principles, procedures, and curriculum implications*. University of London: 1983.

TORRES, Patrícia Lupion; IRALA, Esrom Adriano. Aprendizagem colaborativa In: TORRES, P.L. (Org.). **Algumas vias para entretecer o pensar e o agir**. Curitiba: SENAR, 2007. p.65-95.